



AZUL

ANNO I.º

Pela Arte

TOMO I.º

Redacção: Santa Ritta Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos,
Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Thiago Peirão.

Curitiba, 13 de Maio de 1900

Enterro de Ophelia



Morreo. Vae a dormir, vae a sonhar.... Deixal-a!
(Falae baixinho: agora mesmo se ficou...)

Como Padres orando, os choupos formam ala,
Nas margens do ribeiro onde ella se afogou.

Toda de branco vae, nesse habito de opala,
Para um convento: não o que Hamlet lhe indicou,
Mas para um outro, olhae! que tem por nome *Valla*,
Donde jamais sahio quem, lá, uma vez entrou!

O doce Pôr-do-Sol, que era doudo por ella,
Que a perseguia sempre, em palacio e na rua,
Vêde-o, coitado! mal pode sustar a vela....

Como damas de honor, Nymphas seguem-lhe os rastros,
E assomando no Céu, sua Madrinha, a Lua,
Por ella vae desfiando as suas contas, Astros!

Antonio Nobre.

Resaca d' "O Espingim"

ANTONIO NOBRE

I

As arvores sem as capellas vivas das flôres, como Rainhas descoroadas e de sceptros cahidos, erguiam para o céu silente e piedoso, os braços nús, em afflictiva e dolorosa supplica.

A aragem fria do outono fazia bailar no horizonte triste e brumoso, as folhas cahidas, côr de esparsas madeixas de ouro antigo.

O crepusculo fino que descia, cobria com um véo de névoas, as torres das Igrejas e os descampados solitarios.

Foi sob essa luz vespéral e indecisa do poente, que appareceu, como uma exquesita flôr de neve, «toda de branco, n'esse habito de opala», a extranha e magoada Noiva d'Elle.

Trazia no brilho amortecido do olhar pizado, o perfil de virgens mortas, entre rozas, e as sombras de sonhos que as rajadas do inverno haviam desfolhado.

O alvo véo engrinaldado de flores mortuarias, que velava-lhe o rosto pallido, fluctuava serenamente á viração da tarde que morria.

Encontrou o seu Noivo, entre lyrios verdes de Esperança, entre crenças d'ouro, a sonhar, no solar cor de turqueza galvanizado de prata, e com o mirante azul erguendo-se infinitamente, phantasticamente, para o céu constellado do Futuro.

Despertou-o docemente, com carinho na vóz.

Vinha de longe, disse, vinha fatigada.

O ar frio que passava, cortava-lhe as carnes anemicas sem tons rubidos de alvorada, como as petalas d'uma flor polar.

E a pallida Dona Tysica, beijou com os seus labios algedos, a fronte do Poeta, e envolvêo-lhe o corpo no manto que trazia, feito do pallôr dos luars e do gelo dos invernos amortalhados. E não o deixou jamais! „Perseguiu-o sempre, em palacio e na rua.“

Soluçava, com a alma estrangulada, quando via-o sorrir, com os seus labios brancos, para as Damas que se iam a cantar, frescas e bellas, descuidosas e felizes, pelas varzeas alem, e por entre choupos.

E o Artista foi com Ella, por essas noites enfloradas, tangendo ao luar, o bandolim de bohemio.

E o cavalleiro foi com Ella, de plumas e de elmos, soberano como um Rei, no seu branco corsél, a galopar por entre as flôres d'ouro do ether.

Tempo depois, voltou. E sobre o trevoso Altar-Mór da Morte, Elle ajoelhou-se para receber a Noiva Mystica e eterna. E foi agora com Ella, a nevada Tysica, sonhar, entre os cyprestes de esmeralda.

II

Hoje, sobre o coração de Antonio Nobre, sobre o lyrial das suas esperanças, negros vermes florescem e passeiam silenciosamente, em remaria, por sobre os seus Sonhos.

Um punhado de terra humida tapou aquella bocca que andava cantando trevas e alleluias, entre as estrellas e entre a morte. Extranho poeta que caminhou na vida por sobre ossadas de agonias; as casuarinas verdes, balouçam-se agora, tremulas e inquietas, em oração ao crepusculo, sobre o peito do pobre viajor perdido.

Ah! como nos peza essa cruz erguida sobre o corpo desse Artista!

No entanto, „como padres orando, os espiritos nobres formam alas“ pasmos e mudos, nas margens

do caminho por onde Elle se par-
tio.

E como Damas d'Honor, as
almas dignas, onde o Azul com o
pallio de estrellas, resplandece,
seguem-lhe os rastros de alvorada
e, vão em agonia e em delirio,
desfiando os seus versos: Astros!

E nesse algido convento, não
o que a loira Esperança lhe in-

dicou, mas n'esse outro que o
luar dos sonhos desfeitos alaga,
e para onde a sua Noiva o arras-
tou, que sonhe em paz, o Tem-
plario vencido no caminho que
todos nós trilhamos, vagos e in-
certos.

2 de Maio 1900.

Santa Rita Junior.

Misérere

Ao Antonio Nobre.

I

Arte!

escuta...

Alem, chorando, escuto
os sinos... plangem sinos...

Vão resando!

Vêde! o Sete-strello está de luto...
Um Cavalleiro chora e vae passando!

II

O' Deos!

o Azul não chora! o Azul não chora!
e o Céu esconde o rutilo Estrellario...
e a Noite passa e não se aloira a Aurora!
e o Sol parece um cyrio funerario!...

O' Deus! porque o Azul tambem não chora?

III

Arte!

Lyrios morrem! Talvez se fine
a Luz do Dia!...

Uma Lyra cae!

uma Lyra cae no solo e tine
e a terra parte!...

— Olhae! Olhae!

Passa um enterro...

IV

Alem, chorando, escuto
os sinos... plangem sinos...

Vão resando!

Vede! o Sete-strello está de luto...
Um Cavalleiro chora e vae passando!

Um cavalleiro passa para a Cova!...

V

O Sol parece um cyrio funerario
e tomba...

Olhae! fluctua a Lua nova!

Vêde! já brilha o rutilo Estrellario!...

Uma Lyra cae no solo e tine
e a terra parte
e um Throno se enfiorece no Hymalaia
da Arte!

VI

O' Deus! porque o Azul tambem não chora
se a terra, d'um tristor vago, desmaia,
e a Noite passa e não se aloira a Aurora?

VII

Um Cavalleiro dorme lá no Azul!
— Não n'ó desperte, ó vento Sul!

Generoso Borges.

Terror presago

A Thiago Peivoto

Contracto, me ajoelho, e á indefinida Altura
Elevo, muita vez, o meu olhar e indago:
O motivo porque me acobarda e tortura
Todo o meu coração um receio presago.

E longo tempo assim, nessa estranha postura,
Invocando o Senhor, esse divino Orago,
Levo, cheio de fé, e minh'alma procura
Descortinar, em vão, este mysterio vago...

Sem esperança ter... Por fim desanimado
Ao chão eu volvo o olhar, e como um desgraçado
Filho da magoa atroz e da dor inclemente.

Que martyrisa tanto, e que tanto espesinha,
Maldigo este terror que me punge e amesquinha
E ponho-me a chorar desesperadamente.

Adolpho Werneck.

Recapitulando . . .

A Hippólito Pereira.

Eôr jayne estiolado e baço das
folhas no outono, tinha o es-
malte fosco dos dobrões antigos a-
quella pagina esquecida onde, an-
nos volvidos — ô saudade! — elle
inaculpava em dithyrambos soltos,
cantarolando e rindo, o enredo todo
passional e ovante do seo unico e
dosditoso idyllio.

No abandono — pagina morta —
nem a barcarolava mais uma, duas
vezes, repetidas vezes, como nos bel-
los tempos idos em que elle, n'uma
paschoa triumphal de risos, andava
a rezar os psalmos amoveis e ma-

drigalescos — olhos errantes pelo
Azul, sonhadoramente, como si os
lesse no psalterio flavo das constel-
lações. A' distanciados trechos, so-
mente empolgado pelo tedio, n'es-
ses dias fatidicos de sombra, em
que na alma de luto plange, aba-
fado, o carrilhão da nostalgia e
magous, elle agora, em piedosa ro-
maria ao passado extinto, demo-
rava ainda os olhos nublados de
agoa n'aquella pagina trescalante
a lyrios seccos onde outr'ora, n'uma
clarinante e rubra eclosão de mo-
cidade e affecto, gravára enfeixa-
das, as mais rútilas e doces e dou-
das phantasias! Ah! mas que dor
profundamente aguda, eternamente
rediviva traspassava-lhe, então —
flecha hervada e cruel — de lado

a lado o coração dorido! Que ponnissima e triste exhumação!

Nunca, nas horas mansas de tranquillidade, nos raros instantes de alegria e calma teria o animo preciso para realisa-la! Só mesmo preso á polê extraçalhante do tédio, emparedado na cisterna inquisitorial do desespero como viajor perdido n'algum tunnel em trevas onde falta-lhe o ar e onde vae succumbir, era-lhe possível — mãos nevadas e hirtas — profanar a urna que encerrava sob o *aqui jaz* sinistro dos mausoléos altos, as cinzas — pollen de flores, de illusões e beijos — do seo saudoso e mal-sinado amor.

E era justamente n'estes momentos terriveis que elle — blasphemo e atheo, imprecando o presente, injuriando o porvir, envolvendo astros, deuses e a humanidade inteira d'um odio requintadamente feroz — sentia um goso quintessenciado e inedito em reviver, fazendo resuscitar com um *surge et ambula* potente o Passado, esse, como o Lazaro lendario, leproso extranhamente sublime.

Então, cantasse embóra o sol lá fóra madrigaes ás rosas! misanthropo e soturno, carregando sobre a alma o escuro albornóz da resignação, punha-se ante o crystal nítido da memoria a manusear o passado in-folio de sua ingloria e atribulada vida.

E as folhas, umas apoz outras, tardas e morosas, tarjadas de negro como virgens de luto — véo de crepe de alto á baixo, n'uma procição de Senhor morto — lá se iam, morosas e tardas, volvendo até que

afinal surgia, com reverberos de perolas orientaes e pallôr de cirios mortuarios a mais triste de todas e a mais evocadora tambem de fisonhas emoções vencidas e bellos sonhos impiedosamente massacrados. Vendo-a, apparecia-lhe, como por magia, n'uma imagem fugitiva e brumosa que se aproximava, avançando, accentuava-se, corporisando-se, o episodio do seo contristador idyllio tão casto, tão edenicamente simples e no emtanto apunhado em meio....

Amavam-se, eram ditosos, ditosos e invejados, invejados porque adoravam-se tanto! Breve seriam noivos quando as gaivotas brancas revoassem festivas, azas abertas navalhando a flor dos mares e as cigarras, n'uma tenuta turbulenta e intermina, estridulassem algazarreantes... Os lyrios tambem estariam desabrochados... E elles seriam noivos entre os aromas e canticos, ao rufiar de azas, á sombra das magnolias abertas. Seriam noivos... ah! mas de repente — ô falsidade suprema! — Ella lá se fóra, noiva sim, mas pelo braço de outro, fluctuando — gondola de amor — em ondas de riso e gazes ao flanco de outro, mais venturoso que elle, um phelisteo amplamente lórpa! E elle — nem sabia como não estaláralhe o coração no peito! — ficára ludibriado, atirado a um canto como menestrel a quem houvessem, noite alta e sinistra, assassinado e roubado a lyra e exposto depois, sem canções nos labios, na poeira fina das estradas longas... Felizmente fóra tão rude e brutal o golpe que elle nem soubera amaldi-

coal-a! Mais tarde a ancia rubra
de vingança amainara, esvaecendo-
se, até que, na sua alma enamo-
rada e afflicta raiara alfim a auro-
ra redemptora do perdão. — Que
se fosse, pensara, a Dama ingrata,
que se fosse a infiel e por Ella,
no Azul, as estrellas segredando-se,
que vigiassem curiosas... Para elle
ficaria apenas a Saudade violinan-

do eternamente dentro d'aquella
pagina côr jalne dos dobrões an-
tigos que era o seo pergaminho de
cavalleiro errante, porque depois
que ella se fôra — noiva pelo bra-
ço de outro, — era sabido, nas re-
dondezas todas, que elle se chris-
mara o cavalleiro rosa cruz da
Magoa...

Euctides Bandeira.



SÓ

Ao Hypolito Pereira

A minha Dama era tão bella
Loira princeza de Alem-mar,
Hoje nem sei, ó minha estrella,
Onde demora o seo solar.

Cedo partio, finou-se tudo;
Em vão procuro-a sem cessar;
—O' velho sol, austero e rudo
Dizei-me aonde a irei buscar.

Sob as acacias perfumadas,
Ambos dormimos a sonhar;
—Tardes, manhans e madrugadas,
Fallai, fallai, d'aquelle olhar.

Jamais, jamais, entre as alfombras,
A beijarei sob o luar...
—Flores, dizei, dizei-me, ó sombras,
Se a poderei inda beijar?

A minha Dama era tão bella,
Loira princesa de Alem-mar;
Hoje nem sei, ó minha estrella,
Onde demora o seo Solar.

Thiago Peixoto.



LOCTUS

— — —

Ha pela esplanada hibernal da
minha alma, immensa, vaga tris-
tura de exilio.

Campo abandonado de sonhos,
seio esteril de amores e illusões,
coallhou-o a brancura da magua,
quedou-o a mudez dos tumulos.

Nenhum som vivo, colorido,
roseo de sol aportou ao seu deser-

to immenso. Ali, não ha o azul
bondoso das primaveras, o ceo
tem a côr dorida da saudade, as
estrellas tem as fulgurações pal-
lidas das lagrimas.

Cemitério vasio, extenso, po-
voa-o apenas a muda nostalgia,
flor de espinhos que viceja n'alma
dos proscriptos, amante pallida
dos foragidos, dos abandonados...

Nicolau dos Santos.

Vozes d'alma

A Euclides Bandeira.

Que vim fazer ao mundo eu que do mundo apenas
Conto somente magoas, dores e tristezas?

— Ave que quiz subir, mas teve sempre as pennas
Pela mão da desgraça fatalmente presas?

O Amar assim como eu essas regiões serenas
Das Esphas dos sonhos—immortaes grandezas,
E não poder deixar estas cousas pequenas
Pelos festins da Luz e pompas das bellezas!

Vivo preso á materia vil que me subjuga
E me crava com a dor dos cravos de Jesus.
E choro, mas ninguem siquer meo pranto enxuga.

E erro pelo mundo com um ser sem luz...

Ai! quando vens tu ó Morte!—o' gloriosa fuga
Dos braços dolorosos de tão longa Cruz?!

Rio 1900.

Pereira da Silva.

Arte de amanhã

(Barlet e Lejay)

Distinção das escolas de pintura.

A Arte esteve sempre subdi-
vidida em escolas, cujo numero
se tem multiplicado na razão do
atastamento das origens. Na Ita-
lia, foram numerosas as escolas
da *Renascença*: Sienense, Floren-
tina, Umbria, Ferrarensiana, Bo-
lonheza, Milaneza, Piemonteza,
Romana, Veneziana e muitas ou-
tras! Nas phases de decadência
as escolas se reduzem, e quando
a vida se extingue, as distincções
desapparecem, amortalhadas na
mediocridade, como o haviam es-
tado, anteriormente, na ignoran-
cia. Não ha motivo, portanto,
para essa grita eusurdecadora que
se faz em torno de nossas escho-
las de Arte. Ha, porém, que sua
natureza parece mais inquietado-
ra que o seu numero. Notam-se
entre ellas profundas divergen-
cias, até agora desconhecidas, in-
novações por tal forma impre-
vistas, que nos sorprendem na
lethargia de nossos habitos, como
faltas sordidas que inteiramente
condemnassemos. Quem se não
recorda dos sarcasmos, das revol-
tas que acolheram o successivo
estabelecimento do romanticismo,
do realismo, do impressionismo,
do symbolismo? Diziam a todo
o instante que certas escheas
são apenas o culto bizarro en-
gendrado do temor do conven-

cional; que nella, o rebuscado o
banal, o vulgar, o torpe, sob pre-
textos de verdade, alguns des-
ciam aos improprios, ignorância,
charlatanismo, venalidade! Não
negaremos alguns tresvários de
discipulos por demais zelosos;
porém, affirmamos, a despeito de
tantas divergencias, que cada uma
de nossas escolas assignala vi-
goroso esforço para aperfeiçoa-
mentos que muito logo legitima-
remos. Affirmamos ainda que
não ha nenhuma, por mais nova,
que não tenha raizes no passado,
que se não prenda nitidamente
a algum dos typos, aos quaes se
pode filiar a arte da Pintura.

Affirmamos ainda que essas es-
cholas têm apparecido no tempo
mais proprio, segundo as leis uni-
versaes da evolução; e, engen-
dratos até hoje unicamente pelos
instinctos de nossos artistas, po-
dem eclosionar mais rapidamente,
na perfectibilidade que a forma
rudimentar mascara ainda, se, as
explicando, se lhes faculta o com-
plemento, que aspiram, de luz e
calor.

Para demonstrar, porém, estas
asserções, é preciso remontar um
momento ás origens da Arte e
seos principios.

Continua.

Expediente:

O AZUL será publicado quinzenalmente.

ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

REDACÇÃO:

FRAÇA DA REPUBLICA N. 4.

— Typ. Der Beobachter —